

## APRESENTAÇÃO

---

O número 1 do volume 3 da revista *Linguística* reúne artigos sobre variação na fala e na escrita, resultados do projeto PRINCÍPIOS ATUANTES NO USO LINGÜÍSTICO: TENSÃO E SISTEMATIZAÇÃO, desenvolvido no período de 2001 a 2004 por pesquisadores do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), integrado por professores de várias universidades federais do Brasil e sediado na UFRJ.

O objetivo maior era a análise de fenômenos variáveis nas modalidades falada e escrita, a partir de uma perspectiva em que se associam ao quadro teórico-metodológico da Sociolingüística Variacionista modelos explicativos, como o do Funcionalismo, da Linguística Cognitiva e da Teoria de Princípios e Parâmetros. Assim, os mesmos fenômenos foram sistematicamente investigados em amostras de fala - representadas pela Amostra Censo 1980 e Amostra Censo 2000 - e em amostras de escrita - representadas por textos jornalísticos de gêneros diversificados, retirados de jornais de grande circulação no Rio de Janeiro (*Jornal do Brasil*, *Globo*, *Extra*, *Povo*). Em alguns trabalhos, em função dos objetivos e hipóteses do autor, outras amostras de língua escrita foram utilizadas. Essa comparação consistente permitiu identificar a sistematicidade dos fatores que influenciam fenômenos variáveis, a forma como mudanças em curso na fala são incorporados à língua escrita e ressaltar a importância do gênero ou do tipo de texto nos padrões de variação lingüística. Gêneros textuais escritos que estão situados em um ponto mais baixo do *continuum* de formalidade são mais susceptíveis a incorporarem as variantes mais difundidas na fala.

Este número é composto por nove artigos que re-visitam diversos fenômenos variáveis bem investigados no Português Brasileiro e destacam alguns aspectos cruciais para a compreensão das relações entre fala e escrita. Assim, o estudo de Gomes, que focaliza a realização variável do complemento dativo sob duas perspectivas - a da alternância entre clíticos, sintagmas preposicionais, sintagmas nominais e categoria vazia, por um lado, e da alternância entre as preposições *a*, *para* e zero no núcleo do sintagma preposicional, por outro lado - resalta a coexistência de variantes conservadoras e inovadoras na escrita. Convivem a expressão

do dativo de 3ª pessoa na sua forma clítica e a intromissão, ainda que discreta, do clítico *the* para referência à segunda pessoa. O mesmo aspecto se destaca no trabalho de Duarte, que focaliza a realização dos sujeitos de referência definida e de referência arbitrária. No que se refere aos primeiros, observa-se progressiva incorporação na escrita da variante preferida na fala, ou seja, o sujeito preenchido. No que se refere aos sujeitos de referência arbitrária, a escrita tende a preservar formas praticamente desaparecidas da fala, como a indeterminação por se.

O estudo de MOLLIKA et al. mostra que determinados agentes atuam na migração de construções da fala para a escrita. Através da comparação entre escrita de jornais e produção escrita de alunos no que se refere à ocorrência de diversos fenômenos – supra-segmentos em fronteiras de constituintes, queísmo e relativas pseudo-cortadoras – os autores salientam o papel da mídia e da escola enquanto vetores normativos que regulam a mencionada migração. Diferentes condições de produção operam de forma diferenciada sobre a realização de construções candidatas à migração para a escrita.

A importância do gênero textual é ressaltada no trabalho de Paiva, que investiga a variação na posição de circunstanciais temporais. As reportagens jornalísticas se distinguem nitidamente dos demais gêneros textuais analisados, favorecendo a posposição dos circunstanciais temporais, enquanto os demais gêneros analisados – crônicas, editoriais – apresentam maior ocorrência desses constituintes na margem esquerda da oração.

Os trabalhos permitem depreender ainda que muitas vezes as diferenças entre as duas modalidades se traduzem em freqüências distintas de exploração de uma determinada variante. Assim, Braga, Manfili e Oliveira, que cotejam as construções introduzidas por *onde* àquelas encabeçadas por (prep) + palavra QU, mostram que a variante *onde* é significativamente mais freqüente na escrita, modalidade em que pode remeter a um amplo leque de categorias cognitivas.

De forma semelhante, o trabalho de Almeida e Roncarati, que investiga diversas estratégias de clivagem – construções clivadas, pseudo-clivadas, clivadas *é que*, clivadas *que* e foco *ser* –, salienta que essa diversidade é explorada diferentemente nas duas modalidades. Os autores ressaltam ainda que, embora de forma geral a clivagem sirva à operação de recortes meta-discursivos no fluxo discursivo, existe uma tendência à especialização

funcional dos subtipos de clivada em função da modalidade e do gênero textual.

Scherre e Naro examinam um fenômeno freqüente na modalidade escrita, a concordância verbal em orações com sujeitos complexos, propondo uma escala que considera sujeitos mais fortes, sujeitos menos fortes, sujeitos fracos e expressões não sujeito. Destaca-se neste estudo a importância de fatores como tipo de sujeito, traço morfológico de número, traço semântico-discursivo de animacidade e saliência da oposição singular/plural, parâmetros relevantes igualmente para a explicação do morfema de concordância na fala.

O estudo de Paredes Silva, que focaliza especificamente as diversas variantes de realização do sujeito de terceira pessoa – anáfora pronominal, anáfora zero ou sintagma nominal –, demonstra com clareza a necessidade de se controlar o gênero textual. Mostra que os sujeitos pronominais tendem a predominar na fala e os SNs plenos, na escrita jornalística embora com distribuição sensível ao gênero textual: reportagens, crônicas ou cartas pessoais.

Guardadas as especificidades de cada trabalho, todos eles vêm contribuir para reforçar a posição de que fala e escrita não podem ser entendidas em termos bipolares e irreduzíveis. Alinham-se, assim, às propostas mais recentes segundo as quais as diferenças entre fala e escrita são, provavelmente, muito mais funcionais do que estruturais, podendo haver muitos pontos de justaposição e de superposição entre elas, a depender das condições de enunciação.

Celso Novaes  
Editor Responsável